

O GRUPO DE ESTUDOS EPISTEMOLOGIAS NEGRAS E OS DESAFIOS ANTIRRACISTAS NO ESPAÇO ACADÊMICO

THE BLACK EPISTEMOLOGY STUDIES GROUP AND THE ANTIRRACISTS CHALLENGE IN THE ACADEMY

Graziella Fernanda Santos Queiroz 1
Maxuel de França Lima 2

Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo apresentar o Grupo de Estudos Epistemologias Negras (GEEN), vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Pernambuco (NEAB-UFPE), que, de maneira geral, se dedica ao estudo do pensamento, ação e vida de autoras e autores negros(as). Além disso, discute os métodos utilizados pelos mediadores do grupo diante dos desafios impostos pela pandemia de coronavírus, ressaltando a importância da existência e manutenção de grupos como este, dado o acentuado eurocentrismo e a predominância de narrativas centradas em homens brancos nas universidades. O texto também destaca o ponto de vista de participantes de diferentes estados do Brasil, que enriqueceram o diálogo no grupo. O campo teórico-metodológico do GEEN foi profundamente influenciado por teorias antirracistas, estudos de interseccionalidade e *escrevivência*. Um dos principais resultados do grupo foi a expansão do número de participantes, uma vez que passou a adotar um formato online em resposta às restrições impostas pela pandemia. Além disso, o grupo contribuiu para a conscientização sobre a problemática eurocêntrica nas universidades e incentivou os participantes a incorporarem essa conscientização em suas práticas cotidianas, dependendo do contexto em que atuam.

Palavras-chave: Relato de Experiência. Grupo de Estudos Epistemologias Negras (GEEN). Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB). Autores negros. Eurocentrismo.

Abstract: This experience report aims to introduce the Black Epistemologies Study Group (GEEN), affiliated with the Center for Afro-Brazilian Studies at the Federal University of Pernambuco (NEAB-UFPE). In general terms, this group focuses on the study of the thought, actions, and lives of Black authors. Additionally, it discusses the methods employed by the group's facilitators in response to the challenges posed by the coronavirus pandemic, emphasizing the importance of the existence and maintenance of such groups, given the pronounced Eurocentrism and the prevalence of narratives centered on white men in academia. The text also highlights the perspectives of participants from different states in Brazil, who enriched the dialogue within the group. The theoretical and methodological framework of GEEN has been deeply influenced by anti-racist theories, intersectionality studies, and *“escrevivência”* (writing-lived experiences). One of the primary outcomes of the group was the expansion of its participants, as it transitioned to an online format in response to pandemic restrictions. Moreover, the group contributed to raising awareness about Eurocentric issues in universities and encouraged participants to incorporate this awareness into their everyday practices, depending on their respective professional contexts.

Keywords: Experience Report. Black Epistemology Studies Group (GEEN). Afro-Brazilian Studies Center (NEAB). Black writers. Eurocentrism.

-
- 1 Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestra em História e licenciada em História pela mesma Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2771301754276785>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3492-9179>. E-mail: graziequeirozsantos@gmail.com
 - 2 Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Licenciado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8838367399199786>. E-mail: maxuellima20@gmail.com

Do grupo e seu compartilhar

O Grupo de Estudos Epistemologias Negras é resultado de uma das várias ações do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Pernambuco (localizada na Várzea, bairro da cidade do Recife, capital pernambucana) e teve início em 2019. O NEAB-UFPE atua na universidade desde 2012 desenvolvendo ações que combinam ensino, pesquisa e extensão em assuntos pautados, principalmente, pelas questões e demandas étnico-raciais, afro-brasileiras e africanas, sendo um espaço que dissemina o que está proposto na Lei 10.639/13.

Os estudantes e pesquisadores ligados ao NEAB são muitos e de diferentes campos do saber, sendo a maioria deles das áreas das ciências humanas, sobretudo História, Ciências Sociais e Pedagogia. O NEAB possui uma sala no Centro de Educação e é comum coordenadores, monitores e alunos vinculados ao núcleo se encontrarem ali mesmo para dialogar sobre uma variedade de assuntos, inclusive do dia a dia acadêmico no que tange a conteúdos, narrativas do que se considera importante ou não pelos professores para compor as disciplinas ministradas. Entre os diferentes falares, algo sobressaiu repetidas vezes: a maior parte das bibliografias consideradas clássicas nos currículos das diferentes áreas tinham gênero e cor. Eram de homens brancos. A reprodução do *status quo* à brasileira.

Os currículos acadêmicos frequentemente refletem uma perspectiva brancocêntrica devido a uma série de fatores históricos, culturais e estruturais. Isso ocorre em parte devido ao legado da colonização (invasão) e do imperialismo, que impôs as normas, valores e perspectivas europeias e burguesas como padrão global. Além disso, a maioria das instituições acadêmicas tradicionais foi historicamente dominada por vozes brancas, o que se refletiu nos conteúdos curriculares. Essa brancocentricidade pode levar à marginalização e subalternização das contribuições e perspectivas de grupos raciais não brancos, incluindo as comunidades negras. Na prática, é como se houvesse um jeito certo de pensar e analisar a realidade. Um ser considerado humano (homem-branco) olha a realidade, afirma que seu lugar é de imparcialidade e diz, conceitua, escreve sobre o que vê, enquanto os outros seres, considerados menos humanos ou não humanos são os parciais e precisam ser objetos de estudo, precisam de permissão para entrar, falar e/ou simplesmente ser.

Ainda que na contemporaneidade o campo das ciências humanas repense, revise e debata suas teses levando em consideração o fator classe, há uma dificuldade em abarcar questões de etnia e gênero na composição do saber curricular e disciplinar. Por exemplo: tais temas até interessam se são vistos como “objetos de pesquisa”, mas quando as pessoas que fogem do lugar do corpo hegemônico reivindicam o espaço da narrativa e de sujeito do saber-fazer intelectual são colocados em interrogações constantes se aquilo é intelectual, acadêmico ou não.

Assim, abastecidos pelo aporte bibliográfico principalmente de Frantz Fanon (2008) Clóvis Moura (1988) e Lélia Gonzalez (2020) que desenvolvem temáticas caras aos grupos de poder tais como racismo estrutural, luta de classes, machismo, epistemicídio, o Grupo de Estudos Epistemologias Negras foi configurado para fortalecer estudantes e pessoas em geral interessadas em combater o racismo e pluralizar narrativas, modos de refletir e agir no universo acadêmico e na vida cotidiana.

Tessitura, movimento e pensamento

A ideia para a criação do grupo surgiu como uma resposta direta às demandas e necessidades dos próprios alunos que frequentavam o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros) da instituição. O professor José Bento Rosa da Silva¹, membro fundador e então coordenador do NEAB, lançou a proposta e convocou uma reunião com os membros mais engajados do núcleo. A fundação deste grupo não gerou tensões na comunidade acadêmica, possivelmente devido ao reconhecimento e respeito que o NEAB já conquistou ao longo do tempo, bem como às boas relações que mantém

¹ É professor associado da Universidade Federal de Pernambuco do quadro permanente do programa de pós graduação em História. Membro fundador do NEAB-UFPE (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Pernambuco).

com outros coletivos negros do Centro de Educação.

Iniciamos de forma experimental, selecionando coletivamente um texto (no início não eram obras completas, mas capítulos de obras) que abordasse as questões fundamentais que o grupo gostaria de partilhar. O período entre a concepção do grupo e o surgimento da pandemia foi relativamente curto. No entanto, o grupo experimentou um renascimento quase imediatamente após seu nascimento, para garantir que ele não fosse extinto.

A concepção do grupo foi muito bem aceita pelos membros do NEAB-UFPE. A metodologia que guiou a todos foi a da pesquisa-ação, uma abordagem metodológica que combina pesquisa e ação prática. Ela envolve a colaboração entre pesquisadores e praticantes, com o objetivo de resolver problemas práticos e, ao mesmo tempo, gerar conhecimento e mudança social (CARNEIRO,2005), (FREIRE, 2017).

O modelo pesquisa-ação pode ser visto nas seguintes etapas: começamos ao perceber uma necessidade na comunidade acadêmica, especificamente no NEAB, que nos incentivou a fundar nosso grupo (Fase 1 - Identificação de um problema prático). A partir daí, realizamos reuniões regulares para estudar textos relevantes (Fase 2 - Coleta de dados). Durante essas sessões, promovemos discussões profundas e inclusivas, abrindo espaço para diversas referências (Fase 3 - Análise e reflexão crítica). No entanto, não nos limitamos ao ambiente acadêmico. Levamos nossas discussões e aprendizados para nossos contextos sociais e cotidianos, aplicando ativamente nossas conclusões e aprofundando nosso compromisso com as epistemologias negras (Fase 4 - Implementação de ações práticas). Dessa forma, a pesquisa-ação nos permitiu integrar o estudo teórico com a prática significativa, ampliando nosso impacto como grupo.

Inicialmente, os encontros funcionavam à noite, quinzenal e presencialmente, em grandes rodas de debate numa sala disponível no Centro de Educação, centro no qual o NEAB está alocado. Foi feita uma ampla divulgação do grupo pelas mídias sociais e a chamada tanto para o público acadêmico, quanto para coletivos negros e interessados na proposta.

A ideia era estudar, refletir e discutir obras de autoras e autores negros(as) que frequentemente são invisibilizados(as), preteridos(as) e nem sequer citados(as) em disciplinas da universidade (como Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Bell Hooks, Clóvis Moura, Carolina Maria de Jesus, Maria Beatriz Nascimento) quando suas perspectivas ajudariam ainda mais a análise de problemáticas históricas e sociais do passado e presente.

Tendo como exemplo o curso de História, muitas vezes é usada a expressão “intérpretes do Brasil” para falar de intelectuais que fazem um panorama geral desde a invasão portuguesa. Três dos mais citados são Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Três homens brancos que escreveram a partir do seu lugar social e não viram ou não quiseram ver a marca indelével da escravidão e racismo a partir do fato colonial e de todas as relações estabelecidas diante disto.

Deste modo, apontadas as ausências, eram indicadas bibliografias para análise. No caso de outras interpretações para o Brasil, o grupo optou por se debruçar na obra de Lélia Gonzalez, Clóvis Moura e Maria Beatriz Nascimento, três pessoas negras que reconfiguraram a narrativa sobre o Brasil ao apontarem a montagem proposital para a manutenção de seres específicos no poder (brancos) em detrimento da subalternização e não-reconhecimento de outros seres e de sua pluralidade (populações afro-brasileiras e indígenas).

Dias antes das rodas, eram disponibilizados textos e vídeos pelas mídias sociais e grupos online acerca da vida e obra dos(as) intelectuais. No primeiro momento do grupo, a cada encontro, havia a reflexão de um ou uma intelectual diferente e que estivesse no sentido da proposta. No dia, quem quisesse falar se candidatava e assim os debates decorriam calorosamente chegando a passar do tempo pré-estabelecido de 1 hora e 30 minutos.

Os encontros aconteciam normalmente, mas eis que entre o final de 2019 e 2020 a pandemia do coronavírus afligiu o mundo e alternativas tiveram que ser consideradas para o prosseguimento das atividades, depois do grande luto e hiato de meses.

No retorno, em junho de 2021, os encontros passaram a ser online, com mediação de dois pesquisadores membros do NEAB e ajuda de monitores para divulgar os encontros, organizar questões técnicas e estabelecer diálogos mais constantes com participantes do grupo, que aumentaram consideravelmente (chegando a 144 inscrições), pois o modo online viabilizou a

presença de pessoas de diferentes estados do Brasil, como Bahia, Maranhão, Pará, Piauí, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, e também de cidades mais distantes da capital pernambucana.

Na retomada, optou-se pelo estudo de obras completas por autora ou autor, bem como trazer obras que, a partir da própria vida (ou escrituragem, como nos ensina Conceição Evaristo (2017)), evidenciam o retrato da História brasileira a ser vista, problematizada e valorizada, como no caso de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Os encontros continuaram sendo entre o final da tarde e noite, com duração de 1 hora e 30 minutos. A escolha do horário decorreu pela disponibilidade da maioria dos participantes confirmada após resultado de questionário pelo *Google Forms*. Como a maioria das pessoas que participam dos encontros são estudantes da própria UFPE, ou pessoas que estão inseridas no mundo do trabalho, o momento mais apropriado foi das 17h às 18h30, entre aulas ou pós jornada de trabalho.

Era comum que os encontros se estendessem um pouco mais e que os integrantes relacionassem aspectos da própria vida com as leituras em questão. Um exemplo foi quando se refletiu sobre a solidão da mulher negra, saúde mental e pobreza, tanto no dado momento da obra de Carolina de Jesus quanto no tempo presente e na trajetória de pessoas que ali estavam.

A maior parte das inscrições e permanência nos encontros foi de mulheres negras, que constantemente são colocadas em dúvida ou marginalizadas enquanto intelectualidade e corpo dentro do espaço acadêmico. A constância e troca de experiências pode ter fortalecido a autoestima e resistência necessárias para a lide com o ambiente supracitado, que é complexo, pode ser adoecedor, porém continua sendo um lugar de poder e saber fundamental para expandir noções de ser e estar no mundo.

O título deste tópico “tessitura, movimento e pensamento” representa a dinâmica intrínseca ao grupo, que está em constante processo de descoberta, aprimoramento e evolução no que diz respeito ao pensar, agir e ser, com ênfase na identidade negra. Vale mencionar a influência do livro canônico de Neusa Santos (2021) sobre esse processo de autodescoberta e resistência, que enfatiza a importância da educação e conscientização na formação da identidade e na luta contra as opressões raciais.

Abaixo há um dos *cards* dos encontros em formato remoto que divulgado amplamente nas redes:

Figura 1. Card do Grupo de Estudo Epistemologias Negras, chamado para leitura e debate da obra de Lélia Gonzalez



Fonte: Acervo do NEAB-UFPE,2021.

Afro-assentamentos

Desde o início das atividades, era esperado, enquanto um dos resultados, a disseminação e reconhecimento das obras trabalhadas nos mais amplos espaços que os participantes experienciassem no dia a dia. Do debate em sala de aula à narrativa e percepção teórica elencada na escrita acadêmica ou em redes sociais, entre as escolhas do que se consome enquanto cânones ou referenciais, buscou-se dialogar com os membros a necessidade de fazer do pensamento antirracista uma prática de vida para a mudança social, na busca de um novo humanismo, como propôs Frantz Fanon (2008).

A participação no grupo não está diretamente ligada às ações antirracistas de todos os partícipes, visto que muitos já têm essa filosofia antes do ingresso no grupo, mas envolveram-se no grupo para afiar ainda mais esse saber-fazer. No início, a maior parte dos participantes eram estudantes universitários afiliados ao NEAB, sendo em sua maioria mulheres negras majoritariamente na faixa dos 20-30 anos. No entanto, com a transição para o formato remoto, vimos uma expansão significativa do perfil dos participantes. Agora, o grupo inclui uma diversidade de idades, com membros variando na faixa dos 20 aos 40 anos e além. Além disso, a composição do grupo se diversificou ainda mais, incluindo professores, advogadas (as), psicólogas, militantes não necessariamente acadêmicos, artistas, mães e, de forma notável, ainda mantendo a maioria de mulheres e pessoas negras (pretas e pardas).

Notou-se, todavia, apresentações de trabalho, participações em mesas redondas, posts em redes sociais e mesmo componentes ingressando em pós-graduações strictu sensu suleados pelas obras e intelectuais tratados(as) no GEEN.

Abaixo seguem algumas fotografias públicas dos encontros, inicialmente presenciais e posteriormente de modo remoto, e amplamente utilizadas nas redes sociais.

Figura 2. Primeiros encontros presenciais, março de 2019



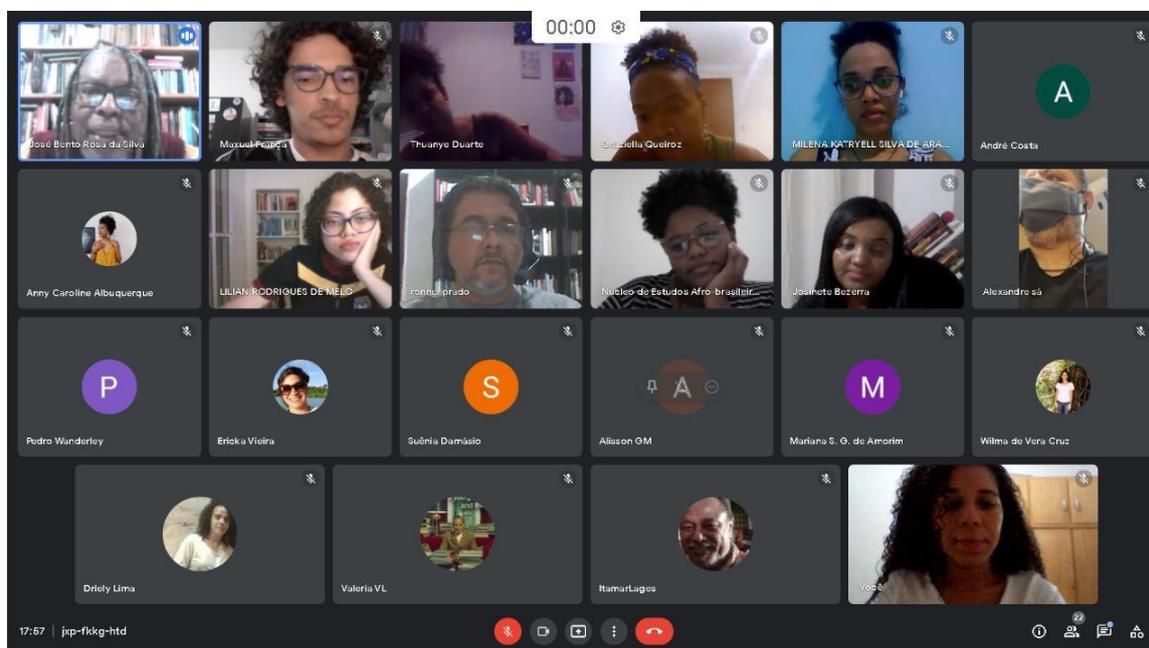
Fonte: Acervo do NEAB-UFPE, 2019.

Figura 3. GEEN em setembro de 2019



Fonte: Acervo do NEAB-UFPE,2019.

Figura 4. Primeiro encontro remoto, em junho de 2021



Fonte: Acervo do NEAB-UFPE,2021.

Considerações Finais ou Caminhos a Caminhar

O grupo de estudos segue no momento presente de modo remoto. Os encontros são

majoritariamente quinzenais. A cada finalização de obra², é escolhida coletivamente a obra seguinte e novos encontros são configurados seguindo o calendário acadêmico daquele momento. Pelo fato de alguns integrantes serem de outros estados, como já dito, é desenhada a proposta de que, ao retornar presencialmente, em 2023, haja, em concomitância, a discussão online.

Os relatos abaixo de participantes do grupo³ (das áreas de Saúde Coletiva, Ciências Sociais, História e Psicologia⁴) falam do que tem sido a experiência, como também sobre movimentos diários de combate ao racismo:

As intervenções e reflexões feitas no grupo ressoa no cotidiano aberturas para dialogar entre pessoas que são afetadas por demandas, a exemplo: o racismo, como este fator atravessa os dilemas da estima, alimentação, saúde mental e outros modos de ser e estar no mundo (Participante 1,2022).

O grupo me auxiliou em conseguir olhar para obras literárias e conseguir visualizar que é possível existir uma linguagem e discussões acessíveis com as características culturais próximas de mim e ao mesmo tempo ampliar minha percepção sobre a escrita e a forma de abordarmos isso dentro das mais diversas dimensões da vida. Sinto que o grupo possibilitou um espaço seguro de discussão sobre vivências com o racismo e as relações raciais a partir do olhar de Carolina Maria de Jesus, além de interpretações e sensibilidades particulares, mas que atravessaram várias outras pessoas ao mesmo tempo, e assim senti que o protagonismo dentro dos participantes estava sendo abertamente acolhido e incentivado a se mostrar cada vez mais frequentes (Participante 2, 2022).

Acredito que foi interessante para repensar a intelectualidade negra dentro de uma epistemologia original e com o rosto do Brasil. Além de possibilitar conexões e debates guiados de forma humana e científica como o modelo principal para se pensar um grupo de estudos voltados para as produções de pensadores negros e os seus legados. E particularmente me incentivou a enegrecer cada vez mais minhas referências acadêmicas para que seja possível construir um percurso de produção científica que não seja refém de uma lógica branca e europeia na construção de conhecimento (Participante 2, 2022).

Os aprendizados vão reverberando na forma de enxergar e atuar no mundo, inclusive no trabalho pois sou psicóloga, então as discussões ajudam muito no fazer político da clínica (Participante 3, 2022).

Procuro tratar das temáticas no meu dia a dia sempre que possível e da maneira mais sutil possível, pois não quero ser lido como chato ou agressivo, coisa que pode ser muito fácil de ocorrer. Mas sinceramente, são poucas oportunidades de abordar assuntos de raça/ gênero/ classe com as pessoas com quem infelizmente convivo. Assim, para mim o grupo é muito importante nesse sentido, pois me mostra que compartilho experiências com outras pessoas pretas e pobres e que grande

2 A obra mais recente discutida foi Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus.

3 Os relatos foram igualmente colhidos por meio de perguntas feitas pelo Google Forms.

4 Neste texto, não exploramos detalhadamente os perfis individuais dos participantes. Optamos por apresentar o grupo de forma mais geral e abrangente. No entanto, reconhecemos que essa é uma área que pode ser melhor explorada em textos subsequentes.

parte de nossas vivências ocorrem em função da nossa cor e posição social, e ter pessoas de outras cores e classes se preocupando e buscando entender, estudar esse contexto é maravilhoso (Participante 4, 2022).

Percebe-se, diante das evidências, que o objetivo do grupo vem sendo cumprido: contribuir com modos de viver antirracistas a partir de escritos e estudos feitos por pessoas negras. É também na experiência dos encontros coletivos que ideais de aquilombamento, *ubuntu*⁵ são fortalecidos e promovem a autoestima, amizade, esperança e solidariedade entre os que participam, provando que mesmo os silenciamentos causados pelo racismo não serão o bastante para calar a voz ancestral dos muitos que a escutam.

O Grupo de Estudos Epistemologias Negras emergiu em 2019 destinado a explorar perspectivas não hegemônicas nas esferas acadêmicas, impulsionado por uma forte convicção no antirracismo. Ao longo do tempo, o grupo se adaptou às mudanças da realidade, migrando de encontros presenciais para o ambiente online. Isso resultou na inclusão de participantes de diferentes estados, enriquecendo ainda mais nossas discussões. Hoje, o grupo permanece ativo e engajado, representando um espaço vital para o fortalecimento das epistemes negras e o contínuo compromisso de luta contra o racismo. As diversas vozes que compõem o grupo trazem consigo uma riqueza de perspectivas e experiências que nutrem nossas discussões e ações à medida que aprendemos uns com os outros e nos inspiramos mutuamente nas diversas formas de sentir, ver e dizer sobre o mundo.

Referências

BRASIL. **Lei n. 10.639/03**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm acesso em: 24 de agosto de 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. 339 f. (Doutorado em Filosofia da Educação) – **Faculdade de Educação /USP**, São Paulo, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas.2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de Despejo**. Diário de uma favelada. Edição comemorativa. São Paulo: Editora Ática, 2020.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

5 Ubuntu faz referência ao conceito filosófico do “eu sou porque nós somos”, orientado e atribuído às populações africanas das regiões bantas, sendo estas, ao longo da História do Brasil e a partir da invasão portuguesa, as que mais vieram para este lado do Atlântico violentamente, porém com resistência, inteligência e sabedoria ancestral construíram e são base para cultura brasileira. O conceito de aquilombamento, junto ao de ubuntu, tem um viés de transformação social e política a partir da união das pessoas negras e afrodescendentes diante de uma sociedade pautada pelo racismo em suas estruturas.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento. São Paulo: IMESP, 2007.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Relatos de Experiência

Dannyres Chrystine Silva Araújo, setembro de 2022.

Juliana dos Santos Carneiro, setembro de 2022.

Railane do Carmo da Silva, setembro de 2022.

Vinícius Alves da Silva, setembro de 2022.

Recebido em 01 de março de 2023.
Aceito em 23 de maio de 2023.